IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL EMMANUEL LEVINAS

LINGUAGEM, FEMININO E LITERATURA

L755
Linguagem, feminino e literatura [Recurso eletrônico on-line] organização IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas – Belo Horizonte;

Coordenadores: Gregory Rial e Luciene dos Santos, 2019.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-65-00-00046-7
Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações
Tema: “O sentido do humano: ética, política e direito e tempos de mutações”.

1. Ética. 2. Literatura. 3. Feminino. 4. Linguagem. IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas (1:2020 : Belo Horizonte, BH).

CDU: 34

IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL EMMANUEL LEVINAS

LINGUAGEM, FEMININO E LITERATURA

Apresentação

O presente volume reúne os textos que foram apresentados no grupo de trabalho "Linguagem, Feminino e Literatura" durante o IV Seminário Internacional Emmanuel Levinas ocorrido nos dias 8, 9 e 10 de outubro de 2019 na Dom Helder Escola de Direito.

Estes textos representam a versatilidade do pensamento levinasiano: são artigos não só da filosofia, mas também de áreas como teologia, direito, letras, comunicação social e psicanálise. As leituras transversais que os autores destes textos fazem da obra de Levinas permitem encontrar nos testemunhos da literatura, das imagens e dos rostos femininos o enigma do Outro, o rastro de uma ética não tematizável. A partir deste enigma são problematizadas e matizadas questões fundamentais para o atual momento e cria-se, do ponto de vista metodológico, uma epistemologia diferencia que ultrapassa a mera hermenêutica filosófica.

Destaca-se a renovada leitura do problema do feminino em Levinas que tem sido explorada e aprofundada como forma de responder ao premente apelo do nosso tempo de quitar a dívida histórica com as mulheres. Também as interfaces com a literatura criam uma

aproximação da filosofia com as letras em que se é possível escutar uma voz que interpela: serão os personagens literários uma figura do drama ético que a nossa carne experimenta? Em que medida a linguagem inacabada dos literatos conserva o dizer do encontro ético, do face a face?

Ressalta-se a abertura dos estudos levinasianos para a área da comunicação social, uma articulação promissora ao entrever nestes escritos filosóficos uma teoria da comunicação que não se reduz à mera troca de informações de uma interlocução contextualizada, mas que parte do pré-original: da abertura de um sujeito ao outro - condição de possibilidade de qualquer comunicação. Além disso, a apropriação dá filosofia levinasianos pela Comunicação Social alimenta uma tensão muito pertinente que trata das possibilidades de encontrar o Rosto na plasticidade das imagens ou até que ponto uma imagem é epifania e em que momento é

reificação totalizante do Outro.

À apresentação oral destes textos seguiram preciosas discussões cujo conteúdo, infelizmente, não foi registrado em texto. Mas almejamos que a disponibilização deste material contribua para futuras discussões que, cremos, contribuirão para o aprofundamento

de Levinas na academia brasileira.

Os organizadores

LLANSOL - LÉVINAS: ATOPIA DA <FONT STYLE='FONT-STYLE: ITALIC;'>EXCRITA<FONT STYLE='FONT-STYLE:ITALIC;'>

LLANSOL - LÉVINAS: ATOPIA DE LA <FONT STYLE='FONT-STYLE: ITALIC;'>EXCRITA<FONT STYLE='FONT-STYLE:ITALIC;'>

Jonas Miguel Pires Samudio [1]

Resumo

Nosso texto, antes que propor uma leitura de Llansol e Lévinas, pretende ler, com eles, a relação entre pensamento, ou filosofia, e literatura, nomeando tal relação como "excrita". Portanto, ao lado de nossa reflexão, propomos um ensaio de sua realização.

Palavras-chave: Literatura, Filosofia, Llansol, Lévinas

Abstract/Resumen/Résumé

Nuestro texto, en lugar de proponer una lectura de Llansol y Lévinas, pretende leer con ellos la relación entre pensamiento, o filosofia, y literatura, nombrando tal relación como "excrita". Por lo tanto, nuestra reflexión es un ensayo de su realización.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Literatura, Filosofia, Llansol, Lévinas

[1] Escritor e estilista, doutor em Estudos Literários (UFMG), dedica-se às relações tecidas no corpo e na escrita. Publicou "A mais aberta", "Mão de fora e suas histórias" e "Véus seus".

> Estou aqui _____ porque o movimento é a passagem obrigatória para a pupila. Vou daqui _____ porque este é o ponto onde os meus olhos se formaram (LLANSOL, 2000, p.43).

Senhoras, senhores e outrxs,

Se me fosse possível, riscaria algumas letras no ar, formulando uma sentença, talvez esta: gostaria de falar de títulos, de epígrafes, de fragmentos. Não o sendo, escrevo, transcrevo, recorto e seleciono, recolho, releio:

> Herbais, 16 de junho de 1982.
>
> _____ este princípio de escala, que também pode tornar-se o esconderijo de uma figura que se anuncia, apareceu quando eu estava a pensar num fragmento de texto que tinha lido de Lévinas, e numa planta chamada pimenta das muralhas, que uma vizinha me ofereceu ontem durante o nosso passeio da tarde. Do agrupamento de estrelas, tão convencional como o profundo abatimento em que vivo, fazia parte o papel transformativo atribuído ao querer, ao saber e ao esperar sem fim.
>
> Espero o meu livro como um daqueles que aponta Levinas, e que não são uma unidade fundamental de medida nem pertencem à pessoa que fala. [citação de Lévinas...]
>
> Se eu pudesse brincar com as consternações que cobrem Herbais, à beira do meu dia, fazer delas nascer microcosmos, e riso, teria encontrado mais um fundamento da minha vida para possuir fôlego para a escritura de que falo.
>
> Perspectivar tão fora do comum, afasta os passantes de Herbais.
>
> Mesmo só a suspeita de _____ pode trazer consigo uma perturbação constante e temível – a proximidade do sentido da vida pela acção constante do ser. Levinas acentua o aspecto verbal do ser e eu, encostada ao muro da cerca, já com *Contos do mal errante* sobre mim, sou movida pela aceleração do verbo que lança; o que voa sob o volume da obra literária é uma das epifanias possíveis de Herbais [...] Dois seres recusam assumir qualquer espécie de finitude – o Diário e o livro (LLANSOL, 2011a, p.70-71).

Um princípio de escala, lemos no fragmento: linha dividida em partes iguais; local de parada e partida de aeronaves e embarcações e tempo que dura essa parada; instrumento de medida; sequência de níveis; sucessão de sons musicais numa oitava, relacionados por intervalos variáveis, escada (cf. AULETE, [s/d]). Este texto, em que me é impossível falar, é um princípio de escala: ponto de trânsito, espaço de passagem, para cima, para baixo, tempo intervalar variável: o infinito na ponta de uma pena, o tempo que dura esta palavra. Palavra que desfolho, a partir do fragmento, e ao redor de uma questão: o encontro entre a filosofia e a

literatura é um dos impossíveis?[1] Talvez, e, por isso, por serem um encontro no impossível, sejam a figura que se anuncia, em que perspectivas fora do comum, no ponto em que se afastam, distanciam e se aproximam, podem ser traçadas, assim: *excrita* – se a inspiração de tal nomeação é recebida de Jean-Luc Nancy, para quem "'escrita' é ainda um nome enganador", pois "o que se endereça assim ao corpo-fora *excreve-se*, como tento escrevê-lo, junto a esse fora ou como esse fora" (NANCY, 2001, p.20), nosso gesto se direciona à compreensão de que, havendo diferentes modos de experiência literária, algumas, cujo ponto de mirada é o exterior, a exposição, a distância e o sem-lugar, podem ser designadas sob o nome de *excrita*; outras, voltadas à interioridade, constroem-se como narrativa, confissão ou elaboração de um enredo segundo uma lógica que o encerra, tal como o paradigma da verossimilhança. Por certo, isso não nos autoriza a dizer que, sendo uma experiência, a literatura, contínua e concomitantemente, não esteja tangenciando interioridade e exterioridade. Também a essa tensão, sustentamos, e sob esse designativo: *excrita*, sublinhando, nela, o traço de atopia.

Nessa escala de *excrita*, marcamos nossos intervalos variáveis: o título, a epígrafe, o fragmento.

O título

"Eram meros modos de voltar a ver a luz, ao ritmo de uma pergunta insistente/ *Pode o título de um livro ser um texto?* Sim, pode!, disseram as crianças" (LLANSOL, 2002b, p.241). Um título, um texto: o nosso, "Llansol – Levinas", parte de uma inspiração: o título de um livro de Lucia Castello Branco, *Os absolutamente sós: Llansol – a letra – Lacan*, em que a autora

[1] Nilo Ribeiro Jr, no texto: "Filosofia e literatura: a ética como quiasma na escritura de Levinas" (2019), propõe uma pertinente leitura da relação entre literatura e filosofia na obra levinasiana, através da figura do quiasma, em que a ética que mantém as duas, ao mesmo tempo, em tensão e proximidade. A figura do quiasma, então, é compreendida em duas perspectivas: "A primeira, o associa a uma espécie de dobradiça. [...] Nessa perspectiva, é como se a Ética que subjaz à Filosofia e à Literatura se mantivesse invisível embora imprescindível a fim de que se possa assegurar a visibilidade da intrínseca relação entre ambas. [...] A segunda, o liga à ideia de movimento que se institui em função do cruzamento entre duas linhas, sendo que o liame permite passar do mais ao menos e do menos ao mais quando da relação entre elas. Isso, porém, acontece sem que essa passagem possa ser identificada à síntese da dialética tomada no sentido vulgar. [...] se a priori, consideradas em função do regime de separação, ambas parecem manter sua autonomia e independência, no âmbito do contato, ou melhor, no evento dessa proximidade, elas se veem, praticamente, perpassadas ou penetradas uma pela outra. Assim, elas são fendidas reciprocamente de modo que os interstícios abertos permitem o fluxo ou o trânsito de uma à outra a ponto de perderem algo de si para ganharem aquilo que as ultrapassa ou que lhes vem de fora dos respectivos domínios" (RIBEIRO Jr., 2019, p.332). Para mais, sugerimos a leitura do artigo.

reúne uma série de ensaios amorosamente excritos com o texto de Maria Gabriela Llansol e com o de Jacques Lacan – também com o de Clarice Lispector, Manoel de Barros, Marguerite Duras, Arthur Bispo do Rosário –, ou, como ela o afirma, na apresentação:

> O leitor que atraído pelos nomes de Jacques Lacan e Maria Gabriela Llansol estampados no subtítulo deste livro, decide compartilhar desta escrita, talvez se sinta logrado. Em primeiro lugar, porque este não é exatamente um livro sobre Llansol, ou sobre Lacan, e sobretudo porque, no movimento do que aqui se entende como um *desejo Lacan* e uma *textualidade Llansol*, este livro o enviará a um lugar desértico que, à sua maneira, este desejo e esta textualidade habitam (CASTELLO BRANCO, 2000, p.11).

O logro e o envio: duas palavras para aquilo que espera o leitor do livro. O logro e o envio, aqui, se situam na mesma vibração: Levinas, Llansol, ou como é possível receber um terceiro texto que os apresente na constelação de suas diferenças? Excrevendo, na ética, a poética que a testemunha; na poética, a ética que a convoca; a busca por um texto que, nas palavras de Llansol, não seja o "experimentalismo inefável e/ou hermético" (LLANSOL, 2011ª, p.121), nem um engajamento que prescinda de uma forma singular de explicitação, pois "sem o dom poético, a liberdade de consciência definhará" (LLANSOL, 1994, p.120). Uma necessária "responsabilidade da forma"[2] que gravita em torno de uma não ruptura entre tema e modo de explicitação; entre forma e conteúdo; em suma, entre a responsabilidade, pela qual o Dizer guarda, no seu infinitivo, as infinitas im-possibilidades confrontadas no superlativo do pele-a-pele, e a forma, talvez o Dito, a convocação de palavras que assumam a sua responsabilidade – "no pensamento levinasiano, a questão da linguagem é marcada pela diferenciação entre duas estruturas: uma de matriz ontológica, relacionada à lógica grega, representada pelo Dito; e outra de cunho ético e de inspiração hebraica, figurada no Dizer" (PINTO, 2018, p.88) –: não arrematar o indizível num pretenso modo de controlá-lo, seja no nível de uma sistematização, seja, ainda, de uma estruturação conceitual – que são, a seu modo e em seus devidos lugares, passos importantes no desenvolvimento do pensamento, e apenas isso: passos, não seu fim, pois o pensamento é um constante relançar-se para além do dito e do não-dito, dicotomia que o Dizer ultrapassa, e o faz, eis nossa aposta, em determinadas

[2] "Responsabilidade da forma" é uma expressão de Roland Barthes pela qual ele, visando tratar a literatura não em sentido historiográfico, institucional e/ou no sentido mercadológico, a compreende como um "grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever"; nesse sentido, aproximam-se as compreensões de literatura, escritura e texto, pois Barthes visa "uma responsabilidade da forma" no trabalho que a literatura exerce sobre a língua (BARTHES, 1979, p.16-17).

experiências e práticas de *excrita* –, também pela sintaxe, na qual se sucedem, numa dada ordem, significantes e sentidos numa busca de explicitação.

Esta pode ser também a responsabilidade do texto de Lévinas, dita a partir de um momento em que, para ele, parece-nos, ela fica clara, sem, contudo, desconsiderarmos que o seu texto já o sabia, de antemão, e se excrevia:

> [...] o *de outro modo que ser* enuncia-se num dizer que deve também desdizer-se para assim arrancar o *de outro modo que ser* ao dito onde o *de outro modo que ser* começa a não significar senão um *ser de outro modo*. Será que o para lá do ser enunciado pela filosofia – e que ela enuncia em razão da própria transcendência do *para lá* – cairá, sem delas se poder desprender, nas formas do enunciado servil? (LÉVINAS, 2011, p.29).

Das formas de um enunciado servil, aparentado ao "ser de outro modo", para o dizer que o possa desdizer: para o "de outro modo que ser" e que podemos, sob "a responsabilidade da forma", desfolhar: de outra forma que ser, a *excrita*: ela pensa, e antes de tematizar, e antes mesma de ser tematizada: "a significação que anima o afectivo, o axiológico, o activo, o sensível, a fome, a sede, o desejo, a admiração, não diz respeito à tematização que neles se pode encontrar, nem a uma variação ou a uma modalidade da tematização" (LÉVINAS, 2011, p.88). A "responsabilidade da forma", pois, como a responsabilidade-*excrita*: o pensamento que o texto pensa, e o diz numa dada forma, num dado modo, "de outro modo que literatura": "Não há literatura. Quando se escreve só importa saber em que real se entra, e se há técnica adequada para abrir caminho a outros" (LLANSOL, 2011ª, p.52): para a *excrita*, não há literatura – talvez, entendida institucionalmente e/ou como forma dada –, e ela se move em direção não à representação do real, mas à sua apresentação (CASTELLO BRANCO, 2007, p.244) – ela se excreve, como um modo de entrar na exposição do real, um modo que sabe que, no texto, entra-se em outros reais, em outras im-possibilidades de mundos – "Sem provocação [...]: a textualidade é realista, se souber que, neste mundo, há um mundo de mundos, e que ela os pode convocar, para todos os tempos, para lá do terceiro excluído, e do princípio de não-contradição" (LLANSOL, 1994, p.121) – e isso através de uma "técnica adequada". Ademais, nesse "não há literatura", podemos também ler: há o infinito no mundo e, o texto, um modo de habitá-lo, com *excrita*. Isso o texto sabe:

> Creio que meus textos sabem muito mais; eles não estão atrás, no meu passado autobiográfico; eles estão diante de mim, no meu futuro autobiográfico; atraem-me tanto a mim quanto a outros que os tocam, para saber

e *não mais* (LLANSOL,1991, p.15, destaques no original).

Assim, na textualidade de Llansol, o texto sabe "muito mais", e a um logro e a um envio nos relançam: o envio do toque, o logro do saber que, logo mais, se des-sabe. O insabido de uma *excrita*, a que começa e não chega. Assim também para Lévinas, para quem, nas palavras de uma de suas leitoras mais sensíveis, a bíblia é o Livro por excelência "porque ela conduz os leitores sempre para além daquilo que julgam saber; nesta qualidade, ela proíbe-lhes todo o orgulho de herdeiro, toda a satisfação prematura, e, finalmente, todo o descanso no ser" (CHALIER, 1996, p.32).

Talvez, então, da experiência de Llansol e de Lévinas como excritores e leitores, emerja o texto: um terceiro multiplicado, um outro atópico.

A epígrafe

"Estou aqui _____ [...] Vou daqui _____ " (LLANSOL, 2000, p.43): os traços, o aqui da *excrita*. Estar, ir: a travessia, na ponta de um lápis que, ao traçar, não deixa traço, mas se faz de traços. Que escava, como estética, como pensamento, como uma ética.

Um feixe de escalas, um feixe de traços, intervalos variados, hifens, sub-linhados: o que a *excrita* comporta.

O título

Llansol – Lévinas: Llansol hífen Lévinas: o hífen, um traço de união, como também se diz em Portugal. Um pequeno traço, ponto em que as franjas das palavras se tocam: "traço de união que me é próprio e me há-de ligar, no futuro, à sua imagem" (LLANSOL, 2000, p.41). União de diferenças, não fusão delas, mas distância, hiato: traço de união que sublinha a não-união dos elementos que separa – como a luz, ele "preenche e ao mesmo tempo mantém o intervalo" (LÉVINAS, 1998, p.57), insuperável: o texto de Llansol não se confunde com o texto de Lévinas, e vice-versa. Um logro.

E um envio. O hífen, não sendo lido, mas agudamente visto, sinaliza que, como promessa, a união é um possível: na leitura, Llansol Lévinas, como um terceiro sintagma-palavra que nomeia nosso texto. O som, então, manifesta o que o hífen marca como

impossibilidade insuperável: os nomes não se unem, mas, talvez, se aproximem por subtração (CASTELLO BRANCO, 2000, p.85), pelo sinal de menos que o hífen, a um só tempo, também sinaliza. Na re-citação, de outro modo que união: o que o olhar vê, a voz diz de outra forma.

O fragmento

Alguns livros não pertencem a quem os escreve: livros arrancados do autor, arremessados no mundo; livros de outrem que atingem quem escreve e, por seu corpo, ganham carne, ganham outro corpo, testemunham a alteridade: sem-lugar onde nascem os livros, lugar-sem lugar para onde se dirigem os livros. Sua atopia.

Livros que "não são uma unidade fundamental de medida nem pertencem à pessoa que fala". Livros sem autor: livros que pertencem à obra que o excritor almeja encontrar: "o livro, portanto, aí está, mas a obra ainda está escondida, ausente talvez radicalmente, dissimulada, em todo o caso, ofuscada pela evidência do livro, por trás da qual aguarda a decisão libertadora, o *Lázaro, veni foras* [sic]" (BLANCHOT, 2011a, p.211). No livro, a obra se declara ausência da obra e ele, como seu receptáculo, não a contém, mas a dá no lugar sem lugar do seu centro, ao qual se dirige, de fora, o leitor e o excritor, em resposta a um chamado em fracasso.[3] Livros do outro a que podemos nos ligar, menos por adesão e mais por um traço de união – operação que resta, talvez, ao próprio excrevente: "a atividade artística dá ao artista a consciência de não ser autor de suas obras" (LÉVINAS, 2000, p.49, tradução nossa), excreve Lévinas, estabelecendo-se um outro traço e união entre ele e Blanchot, seu amigo literário: "o escritor jamais lê a sua obra. Esta é, para ele, o ilegível, um segredo, em face do qual não permanece. Um segredo, porque está separado dele". Traço de união em ilegibilidade, separação, segredo, afirmação que insiste, "rude e pungente, de que o que aí está, na presença global de um texto definitivo, todavia se recusa, é o vazio rude e mordente da recusa; ou então exclui, com a autoridade da indiferença, aquele que tendo-o escrito, quer ainda reavê-lo de novo pela leitura" (BLANCHOT, 2011a, p.14). Traço de união, ainda uma interdição de leitura "que significa ao autor a sua licença. 'Tu não me lerás'. 'Não subsisto como texto para ler senão pela consumação que lentamente te retirou o ser escrevendo'. 'Jamais saberás aquilo que escreveste, mesmo que tenhas escrito apenas para sabê-lo'" (BLANCHOT, 2012, p.85). Quem excreve: um sobrevivente da obra, o

[3] A tensão entre "a obra", ponto de impossibilidade a quem se direciona o gesto de quem excreve e o livro, o que emerge entre a impossibilidade de alcançá-la e o imperativo de tê-la diante dos olhos, é explorada por Maurice Blanchot – a partir, sobretudo, de Mallarmé – em *O espaço literário*.

surgimento de uma potência, a força diversa que o distancia, afastando-o para a vizinhança da origem, onde se dá uma "intimidade errante do lado de fora, do qual não pôde fazer uma permanência" (BLANCHOT, 2011a, p.15), intimidade para com aquilo que, continuamente, desaparece e se mantém: "A obra desaparece, mas o fato de desaparecer se mantém, aparece como essencial, como o movimento que permite à obra realizar-se entrando no curso da história, realizar-se desaparecendo" (BLANCHOT, 2011b, p.318). O livro, então, em sua relação ambígua com a obra, é o que se espera de um outro que, diante dos olhos e ao alcance da mão, se distancia, a cada vez, dos olhos e do alcance da mão – atópico convívio.

Em um livro, Llansol re-cita o outro que excreve sobre o livro. Infinito que se desfolha, página a página, como desejo de livro. Transcrevemos o fragmento que, em *Um falcão no punho*, é citado em francês – e que retiramos de nossa transcrição – e comove a *excrita* e a leitura de Llansol:

> É com a leitura de livros – não necessariamente filosóficos – que estes choques iniciais se transformam em perguntas e problemas, dão que pensar. O papel das literaturas nacionais pode aqui ser importante. Não é que se aprendam palavras, mas vive-se "a verdadeira vida que está ausente", que, precisamente, não é utópica. Penso que, no grande medo do livresco, se subestima a referência "ontológica" do humano ao livro que toma como fonte de informações, ou como um "utensílio" para aprender, como um manual, quando é, na verdade, *uma modalidade* do nosso ser (LÉVINAS, 2007, p.11).

Retirado de um livro de entrevistas, em que se dão, diante dos olhos, ao alcance da mão: duas vozes, a de Lévinas e a de Phillippe Nemo, em "diálogos apresentados [...] gravados e divulgados pela France-Culture em Fevereiro e Março de 1981. Foram ligeiramente adaptados e completados pela editora. Constituem uma apresentação sucinta da filosofia de Emmanuel Lévinas, a cujo resumo poderia, sem dúvida, convir o título *Ética e Infinito*" (NEMO. In: LÉVINAS, 2007, p.7). Estamos, pois, diante de dois gestos: de um lado, um de ética: a responsabilidade de fazer ressoar, de um outro modo, um modo sucinto, a voz e o pensamento de um autor; de outro, um gesto infinito: dar a ver a alteridade em que nasce o livro, e ainda este: entre Levinas, Nemo e o livro, e o leitor, e Llansol que o copia, e eu que, além de copiá-lo, o re-cito. E o lemos, repito, em Llansol que lê Lévinas que lê o livro que lê: o finito que lê o infinito, o finito de um livro e de um texto que acolhe o infinito das alteridades que o tornam im-possível. Menos utopia, mais atopia da alteridade.

Ler, aqui, se mostra como um labor de mãos que transcrevem, para escavar, no branco da página, um espaço de hospitalidade; um labor de mãos e de pensamento, menos que de interpretação; na inspiração dessa letra, transcrevo Derrida, um outro amigo literário de

Lévinas, permitindo-me substituir, no original, as palavras "interpretar" e "ensaiar", respectivamente, por ler – afinal, a interpretação e o ensaio não são uma forma de leitura?:

> Como [ler], *em nome* de Lévinas, essa hospitalidade? Como [ler] isso falando não em seu lugar e nem em seu nome, mas com ele, falando-lhe também, em primeiro lugar escutando-o hoje, dirigindo-nos a esses lugares em que, para lembrar-lhes os seus nomes, ele re-nomeou o Sinai e o rosto, "Sinai" e "rosto"? Estes nomes foram associados para serem dados a esse encontro, mas sabemos como ouvi-los? Em que língua? Nomes comuns ou nomes próprios? Traduzidos de uma outra língua? A partir do passado de uma escritura santa ou de um idioma por vir? (DERRIDA, 2008, p.36, destaques no original).

Dar hospitalidade aos ausentes, aos presentes, ao próprio gesto de *excrita* que i-nomeia o outro, vindo de um lugar que, sem-lugar, anuncia o infinito.

Em nome de um idioma por vir: ler o livro, um terceiro, não tão somente como um utensílio a quem se pode reconhecer um lugar privilegiado nos processos de transmissão de cultura, de um saber compendiado a quem se retorna num gesto eru-dito.[4] Antes, o livro, sem-lugar em que se vive, no desaparecimento do excritor e do que lhe é próprio, a "vida verdadeira que está ausente", a leitura como forma de tornar a vibrar aquilo que é uma modalidade de nosso ser (cf. LÉVINAS, 2007, p.11), ainda que atópica.

A epígrafe

"Estou aqui _____ [...] Vou daqui _____" (LLANSOL, 2000, p.43). Se, antes, o traço era a marca de um estado e de uma partida, um feixe de escalas, talvez, com um pensamento dos livros e da *excrita* que neles se põe, o livro possa ser também um território de traços. Uma longa passagem. No trajeto dos olhos sobre a página, a pupila encontra sua lei: o movimento, o que não cessa de se passar. E a leitura, nessa ordem, talvez, reencontre o que por ali não se passou de tanto se passar; um vestígio, "presença daquele que falando propriamente, jamais esteve ali, daquele que é sempre passado" (LÉVINAS, 1993, p.77-78).

O trabalho daquele que excreve, portanto, um trabalho de apagar seus vestígios – sua vida, suas particularidades, fazendo delas algo que, ao contrário de o fechar em si, o expõe em sua pele – que se exerce como, nas palavras de Lévinas, uma "posição *contra natura* do escritor, retroatividade interminável do que apaga seus vestígios e os vestígios que deixa o apagamento

[4] Agradeço a C.Rafael Pinto pela delicadeza de me presentear com essa escansão: eru-dito.

dos vestígios" (LÉVINAS, 2000, p.70, tradução nossa); e Llansol: "sonho com o dia em que a presença que de nós ficará nos textos não será a do nosso nome próprio. Em que os signos de nossa travessia serão destroços de combate, toques de leveza" (LLANSOL, 1997, p.18). Excrever, mesmo no livro, seguindo os traços desses vestígios, relança, entre o vivido e o projetado, ao aqui e ao seu exterior, aos signos da travessia que não permitem o seu remonte : "a escrita traça, mas não deixa traço, assim não autoriza o remonte, a partir de algum vestígio ou signo, de nada além dela própria como (pura) exterioridade" (BLANCHOT, 2010b, p.206), exterioridade com rosto de outro: "o outro é o que me ultrapassa absolutamente" (BLANCHOT, 2010a, p.99). E a *excrita*: aquilo que, nela, expõe a ela.

Estar aqui, no livro, ir daqui, ainda no livro: dar aos livros, e à *excrita* que eles suportam, não o devido respeito, mas o respeito de vida – a verdadeira vida –, pois, se isso "abre, segundo Lévinas, para o sentido da transcendência e constitui a própria via da fé, a seiva de que se nutre, o ar vivo indispensável à sua respiração" (CHALIER, 1996, p.19), isso abre, no vaivém dos traços que se passam – antes das letras, e depois delas, os traços, ainda os de união – o lugar sem lugar ao outro; lugar do estrangeiro, que "vem de outro lugar e nunca está onde estamos, não pertence a nosso horizonte e não aparece em nenhum horizonte representável, de forma que o invisível seria o seu 'lugar' [:] o que se desvia de todo o visível e de todo invisível" (BLANCHOT, 2010a, p.99). E, concomitantemente, seu sem-lugar que nos atinge.

O livro: lugar do outro, seu sem-lugar: a *excrita* que o dá porque o recebe, atópico: "atópico, o outro faz tremer a linguagem: não se pode falar *dele*, *sobre* ele; todo atributo é falso, doloroso, desajeitado, embaraçoso: o outro é inqualificável (seria o verdadeiro sentido de *atopos*)" (BARTHES, 1989, p.26). O sem-lugar, do outro, num arremesso para o livro e para o que nele o ultrapassa. Atópico, o infinito que "escava um desejo que não se preenche, que se alimenta de seu próprio acrescimento e que se exalta como Desejo – que se afasta de sua satisfação [...] Desejo de além da satisfação e que não identifica, como a necessidade, um termo ou um fim" (LÉVINAS, 2010, p.100). Sem-lugar do desejo que tem lugar no sem-lugar dos traços: desenho de uma silhueta exposta no infinito.

O fragmento

O traço da *excrita* testemunha uma modalidade: estar aqui, ir daqui, "na modalidade de *deixar um vestígio*, é passar, partir, absolver-se" (LÉVINAS, 1993, p.76). Também os livros,

que são, conforme Lévinas transcrito por Llansol, “uma modalidade de nosso ser”, expressão que Catherine Chalier, uma amiga literária de Lévinas, desfolha: “o livro não é documento nem ídolo, mas modalidade” (CHALIER, 1996, p.32), e “uma modalidade que permite ultrapassar a preocupação por si próprio, sem no entanto valorizar um mundo de idealidades ou de deveres” (CHALIER, 1996, p.17). O livro: exposição, arrancamento de si, arremesso na atopia da excrita.

Talvez, pudéssemos excrever: se o “de outro modo que ser” se volta à proposição de uma *excrita* em que fosse possível o não-aprisionamento do Dizer no dito, é de modalidades, e do modo outro que se trata nessa proposição: “responsabilidade da forma” entre o poético e o pensamento que se re-cita; poderíamos propor: a *excrita*: “de outro modo que escrita”, reconhecendo o movimento da pupila, sua forma que nasce do contato com o outro, reconhecendo que o “Dizer é Desejo que a proximidade do Desejável exacerba, esvazia, lugar onde a proximidade do Desejável se distancia” (LÉVINAS, 2000, p.58, tradução nossa). A *excrita*, pois, aquilo que, de um corpo, traça quando o infinito por ele se passou, traços que, se expondo a si, expõe o corpo e ainda o infinito que ali não está. Signos de uma travessia, sinais continuamente abertos ao atópico em que se situam:

> Linguagem descontínua e contraditória do resplendor. Linguagem que por cima das significações sabe fazer sinal. O sinal se faz de longe, de além e além. A linguagem poética faz sinal sem que o sinal seja portador de uma significação, desligando-se da significação. Mas o sinal está absolutamente “claro” aquém e além das inevitáveis convenções das línguas [...]. Do fazer sinal – sem que se faça por algo – fala admiravelmente Blanchot: “É a voz a que foi confiada, não o que diz” (LÉVINAS, 2000, p.59, tradução nossa).

Além e aquém e além: entre *excrita* e pensamento, o movimento do que se passa na voz que se recebe e que a abre. A pupila que vê um traço, aqui, talvez, seja uma possibilidade de que algo da voz e do silêncio que a re-doa se encontrem. Sem-lugar, fora das línguas, de outro modo que língua. De traços. *Excrita*: dizer que inter-rompe.

O título

O infinito e seu papel transformativo: o querer, o saber, o esperar sem fim. O traço de união como “de outro modo”, aqui, no texto, entre o desejo que não se esgota, o pensamento sempre aberto, a esperança de uma promessa. Sua exposição arremessada no infinito.

Entre Llansol e Lévinas, um outro encontro: para ele, sabemos, é tarefa de uma filosofia "de outro modo que ser" manter viva a tensão entre Jerusalém e Atenas (cf. CHALIER, 1996, p.28); para ela, uma *excrita*, como traço de união entre pensamento e poema, na *excrita*, é possível se guiada pelo olhar atópico, sem topos, sem lugar, errante e, não obstante, indicando um lugar sem-lugar, Herbais-sobre-Ática:

> – Serão entregues a quem, então?
> – A ninguém – levaram o Poder à perda da memória; pertencem ao *olhar atópico.*
>
> *Mais Jovem*, é com esse olhar que iremos a Herbais-sobre-Ática (LLANSOL, 2011b, p.133).

Lugar que, desde o começo desse texto, excrevemos. Como o outro, a *excrita* que tenta excrevê-lo se diz: atópica.

Olhar atópico: qualificativo para o olhar; de um lado, não-lugar (do grego a+topos), vagar, deambular, não-pertencer a qualquer fixidez; de outro, diz-se de algo relativo a atopia: "tendência hereditária a apresentar frequentes reações alérgicas a antígenos ambientais (como asma, rinite alérgica, certas dermatites)" (AULETE, [s/d]): afecção do corpo que se herda, vinda de aquém e além dos lugares, dirigindo-se a qualquer lugar, "a atopia advém desse estado de sempre estar onde não se está", "a condição do a topos, do corpo que ficou alheio à sua função de habitar" (MACIEL, 1990, p.15): olhar inabitado, olhar indeterminado, não fixo, o olhar da "atopia revela-se o 'lugar' por excelência do paradoxo, ao ser o aqui, o lá e a parte nenhuma ao mesmo tempo, por ser o mesmo sendo sempre o outro" (MACIEL, 1990, p.23). Com tal olhar, ir a Herbais – vilarejo belga, "uma ilha humana" (LLANSOL, 2002a, p.121) – sobre Ática – região da antiga Grécia, em que se situa Atenas, cidade da deusa sabedoria. Herbais, "antes de tudo, um factor de autonomia. Vista do exterior, a nossa vida pode parecer monótona mas, neste local, [...] a vontade, cultivada pela reflexão e o imaginário, tornou-se mais capaz de abrir outras perspectivas" (LLANSOL, 2011a, p.41) – as perspectivas fora do comum –, lugar em que a *excrita* se torna fulgor, resplendor que pensa; Herbais, ponto de vista da *excrita* em que, "dentro do [seu] silêncio eu ia-me transformando em figura, entrava na ordem figural, ou na vida natural da figura" (LLANSOL, 2011a, p.63). Ática, lugar em que o pensamento pode ter a origem como pergunta, como disposição para cultivar a vontade pela "reflexão e o imaginário", e não como certeza de resposta: "_____ O *Mais Jovem* voltou com uma pergunta na boca:/ – Quando vamos a Herbais-sobre-Ática?" (LLANSOL, 2011b, p.131). Pergunta que aponta para o não-lugar de uma generosidade que amplifica o gesto de quem

pensa e excreve ao infinito: “quem pensa, dispõe-se a um infinito de realidades para além de si mesmo” (LLANSOL, 2011a, p.136), e se dispõe, sobremaneira, aos mundos, território e caminho, atopia do giro em que o pensamento “não é o raciocínio, é um feixe de reflexões, de sentimentos, de visões que se encadeiam e abrem caminho aqui” (LLANSOL, 2011a, p.38). No aqui que a *excrita* abre, o sem-lugar é o que se abre: “escrever-se é deixar de ser para entregar-se a um hóspede” (BLANCHOT, 1990, p.59, tradução nossa), uma “hospitalidade acordada ao acolhimento da ideia de infinito, portanto do incondicional” (DERRIDA, 2008, p.65). No fulgor, no resplendor, fora de qualquer tematização, no “laço com outrem [que] só se aperta como responsabilidade [...]. Dizer: eis-me aqui. Fazer alguma coisa por outrem. Dar” (LÉVINAS, 2007, p.81): dar, reescrevemos com Lévinas, no texto, fazer isso: com letras, dar uma palavra ao corpo que pede pensamento. Uma palavra sem “pertença, mortal imortal, irreal, imaginário, fragmentário. A paciência do corpo, isso já é pensamento” (BLANCHOT, 1990, p.45, tradução nossa), em que ele, o pensamento, está mais próximo do contorno, do delineamento, do que de uma interioridade identitária e definitiva, e em que o corpo está arremessado à exposição, ao exterior que nele entra:

> Sinto-me no exterior como se estivesse
> fisicamente no exterior,
> incluindo árvores, poetas, animais, afectos, o próprio exterior (os exteriores a mim entrando em mim) (LLANSOL, 2001b, p.72).

A hospitalidade do exterior, hospitalidade de excrever que invade o corpo – “exteriores a mim entrando em mim” – sem metáforas: “talvez o equivalente, no tempo dos verbos, ao infinito que se dobra e flecte sem pensar na morte, nem fazer metáforas” (LLANSOL, 2011b, p.30): infinito do verbo, infinitivo do verbo, que “nomeia uma ação ou estado, mas que é neutra quanto às suas categorias gramaticais tradicionais, ou seja, tempo, modo, aspecto, número, pessoa [É a forma que representa o verbo e em que este figura nas entradas de verbetes, nos dicionários de português]” (HOUAISS, [s/d]); verbo no infinitivo, o texto excreve um corpo e um ponto que o infinito atravessa para, sem tempo, sem modo, sem aspecto, sem número, sem pessoa, chegar ao seu outro lado de materialidade *excrita* da língua: o não-fechamento do contorno que, pele e superfície de letra, desenha, como corpo, o infinito da *excrita*, a possibilidade de “dar prosseguimento em outra parte ao inacabado” (BLANCHOT, 2011a, p.12).

O prosseguimento, ao lado da hospitalidade, da *excrita* é dar. E dar é dar graças: “a obrigação de escrever queima o meu lado exposto – responsabilidade duradoura e grata. Apesar

dos meus protestos, darei sempre graças" (LLANSOL, 2011b, p.126). Dar, entregar o infinito ao infinito que atravessa um ponto, gesto de dar o dom, sem nada que possa ser dado, nada que não o gesto do dar: "o dom é o impossível. Não impossível, mas o impossível. A figura do impossível. O dom se anuncia, se dá a pensar como o impossível" (DERRIDA, 1991, p.19, tradução nossa). Na *excrita* como dom, dom é uma possibilidade de pensamento e de forma – "a menos que o dom seja o impossível mas não o inominável, nem o impensável, e que, nessa lacuna entre o impossível e o pensável se abra a dimensão onde *há* dom" (DERRIDA, 1991, p.22, tradução nossa) – em que o outro se faz o próprio dom, e o dom a possibilidade de que haja um traço de união: "não ajudei, *dei*" (LLANSOL, 1997, p.7) e "as vidas não se trocam. *Dão-se*" (LLANSOL, 1997, p.13); "o texto _____ *ao fechar o dele,*/ quis dar-lhe um corpo de fulgor e de penetração que não se confundisse com o físico, belo ou degradado. Um corpo integralmente feito de linguagem" (LLANSOL, 1997, p.7). Dom em que o doador – talvez quem excreve, ainda quem lê – desaparece para, ainda como dom, o poema celebrar: "se nessa profusão o doador desapareceu com o dom, é para ressurgir no que contorna a figura onde ele se aniquilou. Pois é a irradiação da fecundidade – que anuncia a surpresa que o poema celebra, a saber, a promessa" (LACAN, 2011, p.238). Esperança e promessa, poema que é *excrita*: de outro modo, aqui, outro lugar, o texto e seu pensamento:

> – *Tudo que se vê aqui, vê-se noutro lugar* – respondi-lhe, e ela percebeu que era a minha forma particular de entrar na brincadeira que propunha.
> – Não vejo o copo aqui – principia ela.
> – Está noutro lugar, e a imagem está aqui.
> – Não vejo *O Mais Jovem*.
> – Ainda está no escritório, no chão da sala.
> – Não vejo o jantar.
> – Está por fazer, mas está pronto noutro lugar.
> – Não vejo o espelho.
> – Quebrou-se. Mas está no lugar que te disse.
> – Não te vejo a ti.
> – Estou aqui onde me vês. No azul. Ali.
> – Tem quantos muros?
> – Não os vejo. Mas se olhar, verei que são três.
> – Clamor chegou.
> – Já não está no escritório.
> – É o Vergílio, ao telefone.
> – Diz-lhe que está aqui. *É aqui o outro lugar* (LLANSOL, 2011b, p.142, destaques no original).

Aqui, o outro lugar, o outro no seu lugar: no texto, no livro, a possibilidade de que um pensamento seja a exposição do que o co-move: a aceleração do verbo que lança, ser afetado

pela comoção das epifanias que voam sob os livros: ler o fragmento do texto de Lévinas, ler uma planta. Amplificar o gesto de leitura: aqui, no texto, o Desejável, com rosto de *excrita*, se diz também livro e planta, e, na sua diferença, desenha um movimento sem-lugar que nos atravessa: receber, do outro, aquilo que o outro dá: pele, página, poema sem fim.

De outro modo

> era, a bem dizer, uma informação inesperada, nunca ele a tinha dito, a única vez que a poderia ter escrito, não a escreveu, escreveu que não sabia o nome da coisa, e o livro explica
>
> há um afecto muito raro, que faz pendant à piedade como se fossem jarrões, a piedade é a tristeza que sentimos quando vemos alguém sofrer ou ser, de qualquer outra forma, humilhado e espezinhado, para dizer claramente o que é, pois bem, o corpo também pode sentir alegria, uma alegria como a que sente João, pelas maravilhas que caem como chuva de rosas na alma de um outro (LLANSOL, 2002b, p.245).

Referências

De Maria Gabriela Llansol:

Amar um cão. *Cantileno*. Lisboa: Relógio d'Água, 2000, p.37-49.

Um beijo dado mais tarde. Lisboa: Edições Rolim, 1991.

Um falcão no punho. Belo Horizonte: Autêntica, 2011a.

Inquérito às quatro confidências. Belo Horizonte: Autêntica, 2011b.

Lisboaleipzig 1: O encontro inesperado do diverso. Lisboa: Rolim, 1994.

O pensamento de algumas imagens. *A Restante Vida*. Lisboa: Relógio d'Água, 2002a, p.103-123.

O senhor de Herbais. Lisboa: Relógio d'Água. 2002b.

O sonho de que temos a linguagem (diário). *Colóquio/ Letras*, Lisboa, Fundação Gulbenkian, 143/144, jan.-jun. 1997, p.5-18.

De Emmanuel Lévinas:

De Deus que vem à ideia. Trad. Marcelo Fabri; Evaldo A. Kuiava, José Nedel; Marcelo L. Pelizolli. Petrópolis: Vozes, 2010.

Da existência ao existente. Trad. Paul Albert Simon e Ligia Maria de C. Simon. Campinas: Papirus, 1998.

De outro modo que ser, ou para lá da essência. Trad. José Luiz Pérez e Lavínia Leal Pereira. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

Ética e infinito. Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 2007.

Humanismo do outro homem. Trad. Pergentino S. Pivatto (coord). Petrópolis; Vozes, 1993.

Sobre Maurice Blanchot. Trad. José M. Cuesta Abad. Madrid: Editorial Trotta, 2000.

Outros:

AULETE. *Dicionário online.* Disponível em: <http://www.aulete.com.br/insondável>.

BARTHES, Roland. *Aula.* Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1979.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita 1*: A palavra plural. Trad. Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2010a.

BLANCHOT, Maurice. *A conversa infinita 3*: a ausência de livro. Trad. João Moura Jr. São Paulo: Escuta, 2010b.

BLANCHOT, Maurice. *Depois do golpe,* ensaio, precedido por *O ir-e-vir eterno* (O idílio – A última palavra). Trad. Amanda Mendes Casal e Eclair Antonio Almeida Filho. São Paulo: Lumme editor, 2012.

BLANCHOT, Maurice. *A escritura do desastre*. Trad. Eclair Antonio Almeida Filho. São Paulo: Lumme editor, 2016.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011a.

BLANCHOT, Maurice. *La escritura del desastre.* Trad. Pierre de Place. Caracas: Monte Ávila Editores, 1990.

BLANCHOT, Maurice. *A parte do fogo*. Trad. Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2011b.

CASTELLO BRANCO, Lucia. *Os absolutamente sós*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CASTELLO BRANCO, Lucia. Nuvens de pensamento branco. CASTELLO BRANCO, Lucia; ANDRADE, Vania Baeta (orgs). *Livro de asas, para Maria Gabriela Llansol*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p.227-252.

CHALIER, Catherine. *Lévinas:* a utopia do humano. Trad. António Hall. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

DERRIDA, Jacques. A palavra Acolhimento. *Adeus a Emmanuel Lévinas*. São Paulo: Perspectiva, 2008, p.31-142.

DERRIDA, Jacques. *Donner le temps.* Paris: Galilée, 1991.

HOUAISS, *Dicionário eletrônico*. https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/teresa/>. Acesso em 14 jun. 2018.

LACAN, Jacques. *Escritos*. Trad. Inês Oseki-Depré. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MACIEL, Maria Ester. *O cemitério de papel (sobre a atopia do* Eu *de Augusto dos Anjos)*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais. 1990 (Dissertação de mestrado em Estudos Literários).

NANCY, Jean-Luc. *Corpus*. Trad. Tomás Maia. Lisboa: Passagens, 2001.

NEMO, Phillipe. [Texto de apresentação]. LÉVINAS, Emmanuel. *Ética e infinito.* Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 2007, p.7-8.

PINTO, Carlos Rafael. *Espiritualidade do encontro*: proximidade entre Emmanuel Lévinas e a teologia cristã. Belo Horizonte: FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. 2018 (Dissertação de mestrado em Teologia).

RIBEIRO Jr, Nilo. Filosofia e literatura: a ética como quiasma na escritura de Levinas. *Síntese*: Revista de Filosofia. Belo Horizonte, v.46, n.145, mai/ago 2019, p.331-357. Disponível em: <http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/4233>. Acesso em 07 out. 2019.